

OFICINAS TERAPÊUTICAS NO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL – CAPS**Daniela de Fátima Martins Raimundo¹****Magalí de Paula Silva Santana²**

magalips@yahoo.com.br

Área do Conhecimento: Ciências Humanas**RESUMO**

O presente trabalho aborda a importância das oficinas terapêuticas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). As oficinas terapêuticas são uma das principais formas de tratamento oferecido nos CAPS, além da psicoterapia individual, acompanhamento médico com psiquiatra e medicalização dos usuários. Todas essas atividades são realizadas em conjunto e capacitam os usuários para uma vida mais ativa, na qual eles tenham mais autonomia. O artigo apresenta a experiência de estágio básico supervisionado em Psicologia da Saúde realizado em um CAPS do interior de Minas Gerais. Foi perceptível a importância das oficinas terapêuticas na vida dos usuários e o quanto elas contribuem para a reconstrução da dignidade e retomada da cidadania desses sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: oficinas terapêuticas; saúde mental; CAPS.**1. INTRODUÇÃO**

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é destinado a atender pessoas que apresentam um intenso sofrimento psíquico, o que dificulta uma vida equilibrada e efetivar seus projetos de vida. Pessoas com transtornos mentais severos ou persistentes tem preferência nos atendimentos, inclui-se também crianças e adolescentes com transtornos mentais e dependentes de substâncias psicoativas, como álcool e drogas. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004)

Os CAPS são classificados em CAPS I, CAPS II e CAPS III e são divididos em ordem crescente de acordo com a complexidade e abrangência da população, porém cumprem a mesma função no atendimento à população. Além desses, existem os CAPS infanto-juvenis (CAPSi) e os CAPS Álcool e Drogas (CAPSad), onde o atendimento é destinado, respectivamente e exclusivamente, a crianças e

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade UNIVÉRTIX.

² Psicóloga, Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica e Docência do Ensino Superior; Professora da Faculdade UNIVÉRTIX.

adolescentes e pacientes com transtornos ocorridos por abuso de substâncias psicoativas (LEAL e ANTONI, 2013).

De acordo com o Ministério da Saúde (2004), as oficinas terapêuticas são uma das principais formas de tratamento oferecido nos CAPS. Os CAPS têm, frequentemente, mais de um tipo de oficina terapêutica. Essas oficinas são atividades realizadas em grupo com a presença e orientação de um ou mais profissionais, monitores e/ou estagiários. Eles realizam vários tipos de atividades que podem ser definidas a partir do interesse dos usuários, das possibilidades dos técnicos do serviço, ou ainda das necessidades, tendo em vista a maior integração social e familiar, a manifestação de sentimentos e problemas, o desenvolvimento de habilidades corporais, a realização de atividades produtivas, o exercício coletivo da cidadania (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

Este trabalho tem por objetivo investigar a importância das oficinas terapêuticas no CAPS I, a partir de observações feitas durante o estágio supervisionado básico III, na área de Psicologia da Saúde. O estágio busca proporcionar uma vivência teórica e prática, articulando as disciplinas trabalhadas em sala com situações reais. O estagiário tem a oportunidade de compreender como funciona o sistema de saúde pública e pensar como o psicólogo já atua e quais práticas pode vir a implementar em sua atuação nessa área.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Reforma Psiquiátrica

De acordo com Hirdes (2009), o termo desinstitucionalização refere-se a retirar do centro de atenção a instituição, e passar para o distrito, a comunidade, o território ou ainda deslocar o centro da atenção do hospício, manicômio, para a comunidade. Além disso, a desinstitucionalização é um processo que se baseia em desmontar o sistema centralizado no hospital para o contato efetivo com o paciente na sua existência doente.

O autor afirma que:

Dentre os princípios para a organização dos serviços de saúde mental, está a necessidade do deslocamento essencial da perspectiva da intervenção nos hospitais psiquiátricos para a comunidade; o deslocamento do centro do interesse somente da doença para a pessoa e para a sua desabilidade social e o deslocamento de uma ação individual para uma

ação coletiva nos confrontos dos pacientes com seus contextos (HIRDES, 2009. p 297).

Segundo Gonçalves *et al* (2009), a reforma psiquiátrica no Brasil foi um movimento de caráter político, histórico, econômico e social. As práticas da reforma psiquiátrica fazem parte do dia a dia de um grande número de profissionais de saúde mental.

2.2 Centro de Atenção Psicossocial – CAPS

Os CAPS fazem parte da rede de serviços substitutivos que surge com a reforma psiquiátrica. São instituições que oferecem aos usuários com transtornos mentais, atendimento psicológico e médico, além de estímulos para sua integração familiar e social na busca por autonomia e independência. O CAPS é uma das principais estratégias do processo de reforma psiquiátrica. Em 1986, foi inaugurado o primeiro Centro de Atenção Psicossocial no Brasil, na cidade de São Paulo. A partir daí, começa a implantação dos CAPS em outras cidades do país.

O Ministério da Saúde (2004) afirma que:

Nesse contexto, os serviços de saúde mental surgem em vários municípios do país e vão se consolidando como dispositivos eficazes na diminuição de internações e na mudança do modelo assistencial. Os NAPS/CAPS foram criados oficialmente a partir da Portaria GM 224/92 e eram definidos como “unidades de saúde locais/regionalizadas que contam com uma população adscrita definida pelo nível local e que oferecem atendimento de cuidados intermediários entre o regime ambulatorial e a internação hospitalar, em um ou dois turnos de quatro horas, por equipe multiprofissional” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004. p 12.)

De acordo com o Ministério da Saúde (2004), os CAPS tem como objetivo: oferecer atendimento em regime de atenção diária; conduzir os projetos terapêuticos fornecendo cuidado médico eficiente; envolver a inserção social dos usuários através da educação, esporte, cultura, trabalho e lazer. Eles devem organizar a rede de serviço de saúde mental de seu município ou território, revisar e dar suporte a saúde mental na rede básica (PSF – Programa de Saúde da Família / PACS – Programa de Agentes Comunitários de Saúde); além de controlar a porta de entrada da rede em Saúde Mental em sua localidade.

Os CAPS devem conter no mínimo: consultórios para atividades individuais, consultas, entrevistas, terapia; ambiente para atividades grupais; espaço de

convivência; oficinas; refeitório; banheiros e área externa para atividades (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

Segundo Nasi (2011), o CAPS tem por objetivo substituir o modelo asilar. Ele oferece atendimento aos usuários com sofrimento psíquico, e também a reabilitação psicossocial, objetivando promover o exercício da cidadania, integração social, aumentar o grau de autonomia. A reabilitação psicossocial implica em efetuar uma mudança na política dos serviços de saúde mental, envolvendo os usuários, familiares, os profissionais e toda a população. A reabilitação pode ser considerada um processo de reconstrução.

Ribeiro (2008) reafirma essa idéia ao enfatizar que, a reforma psiquiátrica no Brasil buscou o rompimento do modelo asilar e a elaboração de um modelo orientado pela lógica psicossocial de cuidado, baseada na compreensão externa do processo saúde-doença (mental), a qual se aplica à realidade biopsicossocial histórica e concreta do sujeito.

2.3 Oficinas Terapêuticas

As oficinas terapêuticas no CAPS podem ser culturais, expressivas, geradoras de renda, entre outras, e tem por finalidade estimular uma maior interação familiar e social dos usuários, a manifestação dos problemas e sentimentos, além de desenvolverem as habilidades corporais, e por fim o exercício da cidadania (PEREIRA e PALMA, 2018).

No Brasil, a pioneira na utilização de terapias ocupacionais foi a médica Nise da Silveira. Ela acreditava que as terapias da época eram muito agressivas para os pacientes com algum tipo de transtorno mental. Quando escolheu a terapia ocupacional, a psiquiatra entendia como um ambiente cordial, onde os usuários poderiam se expressar através da pintura, desenho e escultura, era necessário também um supervisor sensível a sua arte (PEREIRA e PALMA, 2018).

De acordo com Pereira *et al* (2018), nos dias de hoje, no CAPS, as oficinas terapêuticas passaram a ser meio de comunicação verbal e de expressar-se. Nestas oficinas é proporcionado um ambiente de significativa produção, estimulando a subjetividade ao mundo concreto e real. Durante o processo de terapia o sujeito tem a possibilidade de emergir num movimento de reorganização e organização interna

constante. O objetivo das oficinas não é aprimorar habilidades ou técnicas, mas capacitar os usuários para outros modos de estar no mundo tornando o sujeito um ser ativo de sua própria saúde.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que segundo Augusto *et al* (2013), é uma abordagem que analisa o mundo, isso quer dizer, os pesquisadores estudam fenômenos em situações naturais para melhor compreendê-los em termos de conceitos que as pessoas os atribuem. O autor acrescenta que esse tipo de pesquisa fornece importância significativa a declarações das figuras sociais, comprometidas aos raciocínios e aos significados difundidos por eles.

Para a coleta do material empírico foram realizadas atividades de observação com um roteiro previamente elaborado. A instituição onde foram realizadas as atividades de estágio se localiza em uma cidade no interior de Minas Gerais, com aproximadamente 15 mil habitantes (IBGE, 2010).

O CAPS I, campo desse estágio, tem uma equipe multidisciplinar sendo: uma coordenadora, um psiquiatra, um psicólogo, uma enfermeira, uma assistente social, uma farmacêutica, 2 pedagogos, uma monitora, uma atendente de farmácia, uma recepcionista.

A instituição oferece uma boa estrutura física interna com: sala de recepção, 5 banheiros, farmácia, sala da coordenação, sala de enfermagem, sala de psicoterapia, consultório médico, sala de assistência social, quarto, cozinha, lavanderia, sala de terapia ocupacional, varanda e almoxarifado.

Foram realizadas 08 (oito) observações na instituição. Durante esses dias foram observados o espaço físico da instituição, os usuários e suas rotinas, o trabalho de cada profissional e como funciona o trabalho nas oficinas terapêuticas.

4. CATEGORIAS EMERGENTES DA COLETA DE DADOS

As visitas à instituição aconteceram entre agosto e novembro de 2018. Inicialmente, a estagiária conheceu a estrutura física da instituição, seus funcionários e usuários, observando a dinâmica de funcionamento e das relações

estabelecidas. Além disso, foram repassadas informações gerais da instituição, como horários de funcionamento, tempo de existência, número de funcionários, tipo de público atendido, entre outras. Foi interessante conhecer o trabalho da enfermeira, das farmacêuticas, da psicóloga, da terapeuta ocupacional e da assistente social.

O trabalho da equipe precisa ser conjunto para que haja uma estabilidade na melhora dos usuários. De acordo com Faria *et al* (2013), a equipe multiprofissional na saúde mental traz várias peculiaridades, pontos positivos e negativos. Entre as dificuldades, o autor aponta o problema de conseguir estabelecer um ponto de trabalho comum, com bases epistemológicas, às vezes, tão distintas. O autor afirma que o trabalho multiprofissional tem a vantagem de unir práticas e saberes de diferentes áreas, em prol do paciente. Foi possível observar esse trabalho das equipes multidisciplinares e perceber tanto as dificuldades, como as potencialidades.

No segundo dia do estágio, a acadêmica teve a oportunidade de observar uma oficina terapêutica. Alguns usuários participavam das atividades com muito empenho, outros apenas ficavam observando ou descansando. Alguns usuários passam o dia na instituição e a tarde tem um horário de descanso.

Nos três encontros seguintes, os estagiários ficaram responsáveis de planejar uma oficina e realiza-la com os usuários da instituição. Foram realizadas atividades de colagem que permitiram a livre expressão dos sujeitos envolvidos. Foi realizada também uma atividade de colorir e jogo de cartas com os usuários. Além disso, realizou-se, no terceiro dia, uma atividade de bingo, muito apreciada por todos os usuários. De acordo com Coqueiro *et al* (2010), a arteterapia é um processo não verbal e desenvolve, por meio da ludicidade, das artes plásticas e dramatização, muitos aspectos importantes. Acolhe o indivíduo em sua complexidade e dinâmica, aceitando aspectos diversos dos indivíduos, como os culturais, cognitivos, motores, sociais entre outros importantes para a saúde mental.

O mesmo autor reforça que as oficinas terapêuticas e as atividades de artesanato que são desenvolvidas, vem ganhando espaço nos últimos anos na área da Saúde, e também na saúde mental. É importante a promoção do bem-estar do indivíduo com sofrimento mental. Por meio da livre expressão, a arteterapia proporciona mudanças no campo relacional, afetivo e interpessoal, melhorando o

equilíbrio emocional. O autor afirma que esse tipo de atividade possibilita aos usuários a vivência de seus conflitos, medos, angústias e dificuldades de um modo menos sofrido. Há uma diminuição dos fatores negativos de ordem emocional e afetiva que surgem naturalmente com a doença tais como: estresse, angústia, agressividade, apatia, isolamento social, etc. (COQUEIRO et al, 2010).

Essas ideias são corroboradas por Pereira e Palma (2018) quando os autores defendem a importância das oficinas terapêuticas no CAPS como principal instrumento de trabalho para reabilitação psicossocial dos usuários. Os autores enfatizam os aspectos individuais e relacionais que são desenvolvidos, pois, ao participar das oficinas, os usuários desenvolvem uma maior interação familiar e social e tem a oportunidade de manifestar problemas e sentimentos, além de desenvolverem as habilidades corporais, e por fim o exercício da cidadania.

Nise da Silveira, médica psiquiatra, citada por Pereira e Palma (2018) foi a pioneira na utilização dessas técnicas alternativas para o trabalho em Saúde Mental. Nas observações realizadas pela estagiária, percebeu-se que este trabalho transforma a vida dos usuários do serviço, pois eles se sentem sujeitos responsáveis e autônomos, capazes de criar e construir/reconstruir objetos, ideias e, consecutivamente, suas próprias histórias. Nise da Silveira acreditava que, por meio da terapia ocupacional, das atividades artesanais, o sujeito poderia colocar em imagens aquilo que estava sentindo e isso, por si só, já era terapêutico. A médica psiquiatra foi pioneira, mas suas ideias se difundiram e até hoje são muito atuais. Além disso, ela defendia a importância de um ambiente cordial para a melhora desses sujeitos com algum tipo de transtorno mental. Isso também foi percebido pela estagiária na instituição onde ocorreu o estágio.

Ao final do estágio foi realizado um momento de confraternização com os usuários do serviço e percebeu-se a felicidade de todos em participar daquele evento. Eles foram muito receptivos com os estagiários e demonstraram enorme interesse nesse retorno assim que possível.

De acordo com Pacheco *et al* (2018, p. 72) em "*saúde mental e atenção psicossocial, o que se pretende é uma rede de relações entre sujeitos, sujeitos que escutam e cuidam [...] com sujeitos que vivenciam as problemáticas*".

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar as atividades de observação do estágio de psicologia da saúde foi de suma importância para nosso crescimento acadêmico. Estar em contato com os usuários do CAPS e observar como funciona a instituição, permitiu traçarmos um novo olhar sobre a saúde mental. Com o presente trabalho pode-se perceber a importância de se dar voz ativa ao usuário. O CAPS proporciona um espaço acolhedor e de respeito aos usuários, o que não acontecia antes da reforma psiquiátrica. As oficinas terapêuticas são uma ferramenta muito importante para o tratamento no CAPS, juntamente com o apoio da equipe multiprofissional acompanhando o usuário. Com a realização das oficinas terapêuticas o usuário pode externalizar seus sentimentos e frustrações e se tornar sujeito da sua história.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial** / Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf> Acesso em: 04 nov. 2018.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos e FREITAS, Marta Maria Costa. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta paul. enferm.** 2010, vol.23, n.6, p.859-862. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002010000600022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 nov. de 2018.

HIRDES, Alice. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re)visão. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 297-305, fev. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100036&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Nov. 2018.

LEAL, Bruna Molina; ANTONI, Clarissa De. Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS): estruturação, interdisciplinaridade e intersetorialidade. **Aletheia**. Canoas,

n.40, p.87-101, abr. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 nov. 2018.

NASI, Cíntia; SCHNEIDER, Jacó Fernando. O Centro de Atenção Psicossocial no cotidiano dos seus usuários. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1157-1163, Out. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000500018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Nov. 2018.

PACHECO, Sofia Uchôa Cavalcanti; RODRIGUES, Sílvia Rita e BENATTO, Marcelo Costa. A importância do empoderamento do usuário de CAPS para a (re)construção do seu projeto de vida. **Mental**, 2018, vol.12, n.22, p.72-89 Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272018000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1984-980X. Acesso em: 25 nov. de 2018.

PEREIRA, Ondina Pena; PALMA, Ana Carolina Ribas. Sentidos das oficinas terapêuticas ocupacionais do CAPS no cotidiano dos usuários: uma descrição fenomenológica. **Rev. abordagem gestalt**, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 15-23, abr. 2018 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 nov. 2018.

RIBEIRO, Lorena Araujo. SALA, Ariane Liamara Brito. OLIVEIRA, Alice Guimarães Bottaro de. As oficinas terapêuticas nos centros de atenção psicossocial. **Rev. mineira de enfermagem**. Minas Gerais, v.12, n.4, 2008. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/296>>. Acesso em: 04 nov. de 2018.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-542, Out. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000600016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Nov. 2018.

ZANELLA, Michele; LUZ, Heloísa Helena Venturi; BENETTI, Idonézia Collodel e ROBERTI JUNIOR, João Paulo. Medicalização e saúde mental: Estratégias alternativas. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**. 2016, n.15, p.53-62. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602016000100008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1647-2160. <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0132>. Acesso em: 25 nov. de 2018.